

REFLEXÕES DO FEMININO E O TABU DA MATERNIDADE EM *MEDEIA*: O TEATRO GREGO COMO METODOLOGIA ATIVA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

REFLECTIONS OF THE FEMININE AND THE TABOO OF MATERNITY IN *MEDEIA*: GREEK THEATER AS AN ACTIVE METHODOLOGY IN BASIC EDUCATION

REFLEXIONES SOBRE LO FEMENINO Y EL TABÚ DE LA MATERNIDAD EN *MEDEIA*: EL TEATRO GRIEGO COMO METODOLOGÍA ACTIVA EN LA EDUCACIÓN BÁSICA

Dolores Puga¹

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo apresentar o projeto de extensão universitária intitulado *Teatro grego nas escolas: conhecendo a antiguidade*, desenvolvido pelo curso de História da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) de Três Lagoas com o Colégio Unitrês Objetivo, no ano de 2023, utilizando, como ponto central, a encenação da tragédia grega *Medeia*, de Eurípidos: uma peça teatral que tem como protagonista uma mulher de cultura diferente da dos gregos, e que mata os filhos como vingança pela traição do marido. Para auxiliar no debate, utiliza-se das questões de análise da linguagem teatral, gênero e ensino de História, tais como Cavassin (2008), Colling e Tedeschi (2015) e Fonseca (2003), para suscitar a importância de um tema polêmico da mulher que ainda instiga as sociedades contemporâneas, ao mesmo tempo em que permite ser um caminho de enriquecimento artístico educacional e uma ponte de conhecimento do mundo sociocultural da antiguidade.

PALAVRAS-CHAVE: teatro na escola; *Medeia*; ensino de história; gênero.

ABSTRACT

This article aims to present the university extension project entitled *Greek theater in schools: knowing antiquity*, developed by the History course at the Federal University of Mato Grosso do Sul (UFMS) in Três Lagoas with Colégio Unitrês Objective, in the year 2023, using, as a central point, the staging of the Greek tragedy *Medea*, by Euripides: a play whose protagonist is a woman from a culture different from that of the Greeks, and who kills her children in revenge for her husband's betrayal. To assist in the debate, questions of analysis of theatrical language, gender and History teaching are used, such as Cavassin (2008), Colling and Tedeschi (2015) and Fonseca (2003), to raise the importance of a controversial topic in woman who still instigates contemporary societies, at the same time as she allows herself to be a path of educational artistic enrichment and a bridge of knowledge of the sociocultural world of antiquity.

KEYWORDS: theater at school; *Medea*; history teaching; gender.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo presentar el proyecto de extensión universitaria titulado *Teatro griego en las escuelas: conociendo la antigüedad*, desarrollado por la carrera de Historia de la Universidad Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) en Três Lagoas con el Objetivo Colégio Unitrês, en el año 2023, utilizando, como punto central, la puesta en escena de la tragedia griega *Medea*, de Eurípidos: una obra que tiene como protagonista a una mujer de una cultura diferente a la de los griegos, y que mata a sus hijos en venganza por la traición de su marido. Para auxiliar el debate se utilizan cuestiones de análisis del lenguaje teatral, el género y la enseñanza de la Historia, como las de Cavassin (2008), Colling y Tedeschi (2015) y Fonseca (2003), para plantear la importancia de un tema controvertido en la mujer que sigue instigando a las sociedades contemporâneas, al mismo tiempo que se permite ser un camino de enriquecimiento artístico educativo y un puente de conocimiento del mundo sociocultural de la antigüedad.

PALABRAS CLAVE: teatro en la escuela; *Medea*; enseñanza de la historia; género.

¹ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Brasil. Orcid: 0000-0003-4013-5375.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este trabalho nasceu do desenvolvimento do projeto de extensão *Teatro grego nas escolas: conhecendo a antiguidade*. Uma ideia que se fundamentava no diálogo com a disciplina de graduação intitulada *Estudos socioculturais e prática teatral* – disciplina optativa, de extensão, ofertada no primeiro semestre de 2023 para os alunos do curso de História da UFMS de Três Lagoas. A proposta se constituiu na construção de um diálogo entre acadêmicos do curso de História e alunos do ensino médio do Colégio Unitrês Objetivo com o intuito de analisar as questões que envolvem o teatro grego e de encenar a peça teatral *Medeia*, de Eurípides.

Colocou-se em prática uma ideia conjunta para a participação de acadêmicos e alunos da educação básica em trabalhos instigantes, que tradicionalmente não teriam fácil acesso em sala de aula, estimulando a participação do ensino médio em atividades que não apenas incentivam a cultura, a expressão corporal e o conhecimento da arte e da literatura na antiguidade, mas também fomentam o diálogo entre as diversas áreas das ciências humanas – uma vez que o projeto possibilitou o contato com a Arte, a História, a Literatura, a Geografia, a Filosofia e a religiosidade do mundo antigo em minicursos temáticos.

Essa perspectiva movimentou as disciplinas de diversos professores da escola os quais usufruíram do projeto para auxiliar nas atividades propostas pelos acadêmicos ao final dos minicursos — oficinas criativas e cativantes que circundavam o tema do teatro grego com as disciplinas de humanas da escola. Fomentou, entre os acadêmicos matriculados na disciplina optativa da universidade, reflexões acerca da própria formação dos alunos Colégio Unitrês Objetivo e de que maneira esta formação poderia ser estendida com base em métodos diferenciados, que também abordassem temas sociais polêmicos os quais dialogam com a imagem do feminino na antiguidade e na contemporaneidade.

FIGURA 1 – Projeto de extensão



Fonte: Fotos e divulgação dos participantes do projeto.

FIGURA 2 – Elenco



Fonte: Foto de Alex Machado.

Nesse íterim, a proposta deste artigo se situa igualmente na reflexão sobre a importância da obra *Medeia* como instrumento pedagógico neste projeto de extensão, de forma a problematizar a maneira como os alunos compreendiam o papel da mulher na sociedade grega, sobretudo a mulher bárbara, além disso, busca problematizar o tabu social da

mãe que mata os filhos. De que modo essas questões possibilitaram aprofundar nas perspectivas socioculturais de um povo e, também, nas relações de gênero e o papel do feminino na sociedade até os dias de hoje? Essas foram questões cruciais para o desenvolvimento do projeto.

O TEATRO GREGO COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO

Na prática, o projeto de extensão teve um grande crescimento, não apenas em participação, como também em sacrifício coletivo, em nome da valorização da arte e da cultura. Primeiramente, contou com a preparação dos estudantes de História para a formulação de minicursos no colégio Objetivo sobre os mais diversos temas, que se vinculavam ao vórtice temático do teatro grego: como pensar sobre a mitologia do século V em Atenas? Como pensar sobre o tragediógrafo Eurípides e a obra teatral *Medeia*? Como pensar sobre o período histórico das apresentações teatrais gregas, o sentido da tragédia para os gregos e sobre o funcionamento dos festivais de teatro? Como era a estrutura do teatro, o coro e as máscaras? Oficinas vinculadas aos minicursos surgiram dessas perguntas, o que estimulou ainda mais a perspectiva de uma metodologia ativa, na qual o aluno não se pauta apenas de aprendizados teóricos, mas fomenta ele mesmo o conhecimento pela prática.

[...] na metodologia ativa, o foco das ações educativas incide sobre os estudantes e o conhecimento é construído em relações colaborativas, exercendo o professor o papel de mediador, aquele que dispõe sobre o meio para facilitar a construção de conhecimentos. Portanto, metodologias ativas se caracterizam como um processo, cujo foco seja a autoaprendizagem que propicie ao estudante o estímulo, a curiosidade para pesquisar, analisar de forma reflexiva possíveis situações, que necessitem de tomada de decisão (Batista *et. al.*, 2020, p. 380).

O projeto instigou, assim, a participação dos estudantes do ensino médio em oficinas de produção de máscaras teatrais, leituras dramáticas e criação de texto trágico, e na própria construção do cenário do espetáculo como atividade pedagógica. Estimulou o conhecimento de novos vocabulários e linguagens, pertencentes a outro povo e a uma outra época, fazendo refletir sobre seu eu na relação passado e presente.

FIGURA 3 – Minicurso sobre os festivais de teatro grego



Fonte: Fotos e divulgação dos participantes do projeto.

FIGURA 4 – Oficina de máscara de teatro grego



Fonte: Fotos e divulgação dos participantes do projeto.

FIGURA 5 – Minicurso de tragédia grega



Fonte: Fotos e divulgação dos participantes do projeto.

FIGURA 6 – Oficina de escrita trágica e leitura dramática



Fonte: Fotos e divulgação dos participantes do evento.

A proposta permitiu cruzar as diversas áreas de ciências humanas e levantar questionamentos. Sobre os festivais e as máscaras, a professora de Arte pôde ter uma relevante participação, sobretudo pela construção de painéis de pintura como cenário da peça que seria dramatizada. Qual o sentido do trágico para os gregos? De que maneira isso suscita a participação do professor de Filosofia e da professora de Literatura? De acordo com Selva Fonseca:

Tornou-se prática recorrente na educação escolar, no ensino e na pesquisa desenvolvidos nas universidades, o uso de imagens, obras de ficção, artigos de jornais, filmes e programas de TV, no desenvolvimento de vários temas. Trata-se de uma opção metodológica que amplia o olhar do historiador, o campo de estudo, tornando o processo de transmissão e produção de conhecimentos interdisciplinar, dinâmico e flexível. As fronteiras disciplinares são questionadas; os saberes são religados e rearticulados em busca da inteligibilidade do real histórico. Esse processo requer de nós, professores e pesquisadores, um aprofundamento de nossos conhecimentos acerca da constituição das diferentes linguagens, seus limites e suas possibilidades (Fonseca, 2003, p. 163).

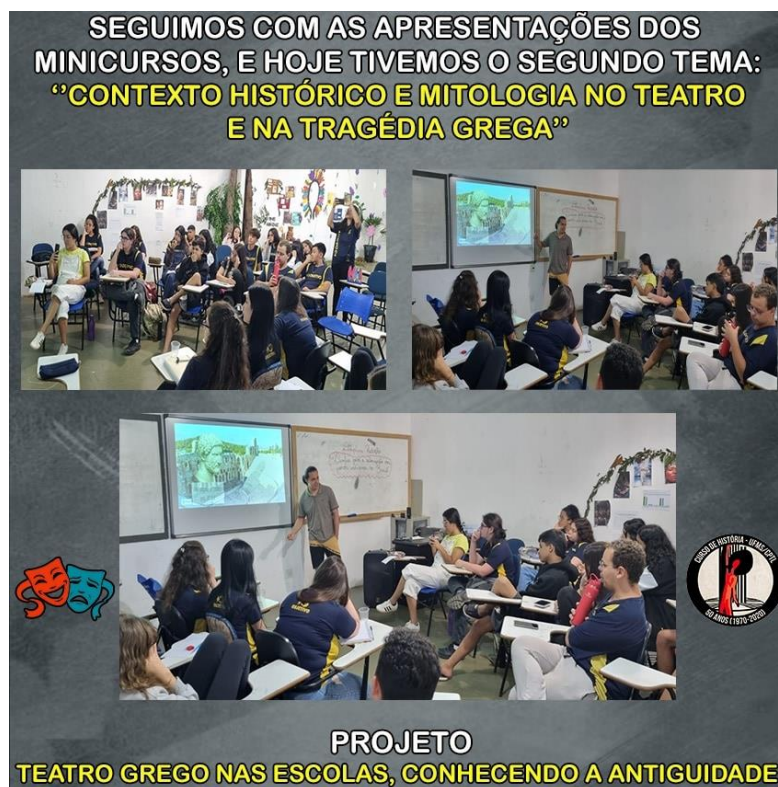
A interdisciplinaridade tornou-se um elemento crucial para o desenvolvimento do projeto. A produção de conhecimento científico e pedagógico advindo de suas atividades práticas permitiram a ampliação de concepções sobre o saber histórico. Para Juliana Cavassin (2008, p. 48), o teatro acaba permitindo esse alargamento de horizontes, abrindo nova perspectivas do ensino-aprendizagem e da ciência, fugindo de um modelo racional clássico e lógico, em que a criatividade, as possibilidades intersubjetivas permitem conceber a complexidade de inteligências. A linguagem teatral e a prática dos minicursos do projeto permitiram, assim, modificar uma lógica de pensamento que induz apenas ao expositivo, ao “decoreba”, ao aluno coadjuvante do conhecimento. Essas questões podem ser atestadas por meio de entrevista concedida a uma jornalista da UFMS, para edição do jornal universitário, cujas declarações partiram de uma acadêmica e de um estudante do ensino médio, ambos participantes do projeto:

Antes de integrar o projeto, a estudante de História, Isadora Laís Moreira Bachiega, já tinha um pequeno conhecimento sobre teatro grego, pois, em seu primeiro ano na Universidade, participou de uma leitura dramatizada de “Lisístrata”, comédia escrita por Aristófanes, na qual protagonizou a personagem que dá nome à peça. Quando soube da disciplina optativa decidiu participar. “Esse projeto tem sido uma virada de chave na minha vida acadêmica, e me trouxe oportunidades únicas, dentre elas: lecionar e estar em contato com os alunos do Colégio Unitrês Objetivo, e também poder protagonizar novamente uma grande personagem do teatro Grego, que é a Medeia, uma mulher forte, de opinião e poderosa. O projeto também me deu oportunidade de estudar mais sobre a mitologia grega e assim me encontrar em um tema de pesquisa que pode vir a se tornar um projeto de pós-graduação ou mestrado”, disse. A estudante contou também que a atividade permitiu o desenvolvimento de novas habilidades. “Em contato com alguns colegas da

Universidade, fomos juntos descobrindo e desenvolvendo diversas qualidades como melhora na fala, alunos muito tímidos se mostraram mais comunicativos, isso porque o teatro nos dá um poder de expressão muito grande. Quando estamos no palco, podemos ser qualquer pessoa, sem julgamentos, sem medo; também acredito que é muito importante para os alunos do ensino médio esse contato com a universidade pública e o meio acadêmico”, falou. Vitor Hugo Muniz Boldorini, do segundo ano do Ensino Médio, contou que já tinha interesse pelos palcos, mas ainda não havia ouvido falar do teatro grego quando soube do projeto por meio da coordenadora da escola, Luciane Santiago. “Estou muito feliz por tudo o que aprendi e por poder encenar a peça, estou amando! É uma experiência nova, já me joguei de cabeça e não me arrependo. Está me ajudando muito em [...] como lidar com o público [...] (Cominetti, 2023).

Pensar novas alternativas para a exposição de um determinado conteúdo se mostra, por meio de peças teatrais, um caminho de constantes descobertas. Isso porque o diálogo estabelecido entre a Arte e a Sociedade carrega em si inúmeras possibilidades, uma vez que são constituídas e constituintes do real. Adotar esse tipo de documentação em sala de aula possibilita, por um lado, “desmistificar” a noção de perenidade que tende a envolver os trabalhos artísticos. Por outro, é também um exercício instigante de interdisciplinaridade e de debate, pois o professor que pretende enfrentar esse desafio, necessariamente, deverá ter em mente que, ao contrário do que se imagina, as obras teatrais não são meras ilustradoras de conteúdo, mas sim respostas dadas por sujeitos históricos, detentores de opinião. Essas questões foram muito importantes, sobretudo para situar o contexto de produção do teatro grego, no século V em Atenas, conforme a imagem abaixo.

FIGURA 7 – Minicurso de mitologia e contexto histórico



Fonte: Fotos e divulgação dos participantes do projeto.

Nesse sentido, os seres humanos, ao produzirem suas relações sociais, produzem simultaneamente cultura. Dessa forma, cada época é dotada de “estruturas de pensamento [...]”, comandadas elas próprias pelas evoluções socioeconômicas, que organizam as construções intelectuais como as produções artísticas, as práticas coletivas como os pensamentos filosóficos” (Chartier, 1990, p. 35).

O teatro se insere nessa lógica. Ele é o resultado de diversas ações e, como tal, não pode ser visto de forma isolada. Percebendo-o como uma representação do real, o texto teatral fornece subsídios para perceber as paixões e conflitos que estavam presentes no momento de sua elaboração. Como instrumento pedagógico, permite ampliar as fronteiras do tempo e ser ferramenta de produção de novos saberes.

A educação básica conhecendo Medeia

O projeto de extensão também contemplou o professor de Geografia do Colégio Unitrês Objetivo. A partir do minicurso desse tema, o que é possível conhecer sobre a geografia da antiguidade? Não apenas na Ática, onde eram produzidas as principais peças,

mas também regiões distantes do mundo grego, e perto dos contos mitológicos os quais perpassam as lendas das personagens da tragédia grega *Medeia*.

FIGURA 8 – Minicurso de geografia da antiguidade



Fonte: Fotos e divulgação dos participantes do evento.

A própria protagonista é uma feiticeira da região de Cólquida. Tratar a questão das diferenciações culturais do mundo antigo permitiu suscitar uma problemática importante em sala de aula que envolve a inferiorização de povos de culturas diversas às dos gregos, sobretudo quando se está lidando com as suas imagens femininas de poder, como *Medeia*. Na Figura 9, é possível identificar uma atividade decorrente do minicurso de geografia da antiguidade contendo regiões mitológicas como a própria localização lendária de *Medeia*: um território bem distante da realidade grega (como a Ática e a Península do Peloponeso), o que implica a oportunidade de visualizar os motivos da divergência sociocultural e das estratégias de dominação espacial por parte dos gregos a outros povos. Neste exercício, os alunos, pelo uso de um aplicativo em um *site*, ligavam as lendas aos locais correspondentes dentro de um tempo cronometrado e com a possibilidade de verificar o número de respostas corretas e incorretas.

FIGURA 9 – Mapa da antiguidade



Fonte: Site Wordwall. Disponível em: <https://wordwall.net/pt/resource/54940569/brincando-de-geografia-da-antiguidade-grega>.

Com minicursos como esse e os demais, a obra teatral *Medeia* ganhava cada vez mais materialidade e visibilidade as quais, sem essas experiências, os estudantes de ensino médio não alcançariam. O teatro grego foi, assim, não apenas o resultado de um projeto, como foi o fundamento de uma produção científica de larga escala em sala de aula que envolvia nutrir dia a dia os alunos da educação básica de um convite para a construção de análises críticas, sobretudo para os saberes possíveis acerca da feiticeira de Cólquida. Uma mulher que se apaixona por um grego, e por ele é renegada ao trair seus familiares e seu reino distante, acaba também traída e abandonada, mas que resolve retornar ao posto de neta do deus sol ao não aceitar a desonra do herói Jasão, matando, deste, a futura noiva e sogro (princesa e rei Creonte, da região grega de Corinto), além de assassinar os filhos que teve com ele, deixando-o vivo, para, sozinho, sentir a dor que ela sentiu.

Antes mesmo de pensar nas escolhas da personagem na peça de Eurípides, cabe problematizar o fato mesmo de ser uma praticante de magia, e que, portanto, é uma mulher estrangeira que possui conhecimentos de veneno, e é perigosa. Nestes termos, a magia tem como elemento básico de distinção social o fato de ser referente a um “outro”. De acordo com Francisco da Silva, um estudioso de religiões e de teologia:

Desde a antiguidade clássica, que os termos “magia”, para a prática, ou “mago”, para o praticante, se referem a práticas religiosas realizadas por outros que não aqueles que utilizam o termo. O termo tem origens Persas [...] e é portanto um termo utilizado pelos gregos como forma de descrever as práticas de alguém que é

visto como o “outro”. A palavra é utilizada na Grécia Antiga como designação de ritos cuja “legitimidade era contestada e, frequentemente, pelo menos em alturas posteriores, marginalizada e proibida”. [...] O termo “magia” revela, então, desde a sua origem, uma afinidade com um desprezo pela religião ou práticas daqueles que são considerados estrangeiros ou “outros” pela cultura dominante. Rapidamente, o termo “magia” deixa de ser especificamente descritivo de práticas de outros povos para passar a designar práticas religiosas dentro das próprias culturas greco-latinas que não se coadunam com a perspectiva da maioria culturalmente dominante. Aparecem, então, na Grécia os termos *goétia*, para descrever a arte de se comunicar com os mortos (e, mais tarde, demônios), e *pharmakeútria*, que descreve “uma mulher que usa ervas e drogas” (Silva, 2010, p. 3-4).

A perspectiva da mulher que se utiliza do conhecimento de ervas e drogas passa paulatinamente a ser considerada como algo a ser temido. Se em cultos antigos, a representação dessas mulheres viria a descrever sacerdotisas e sua arte da cura e da benevolência, a magia passa a ser considerada cada vez mais como fator de relação com a morte. Segundo Maria Regina Candido, há, inclusive, uma denúncia na tragédia de Eurípidés,

[...] alertando para a emergência de antigos saberes integrando novas práticas sociais como o uso do conhecimento mágico das ervas e filtros para atender desejos individuais. O uso das práticas mágicas das ervas e raízes tanto podia atender às necessidades de medicamentos para curar as doenças femininas, quanto ser usado como veneno para efetuar uma vingança. Medeia com a sua *sophia* expõe a ambigüidade de um saber que poderia ajudar um amigo com os seus benefícios, mas poderia ser fatal e destruir os inimigos. Como nos afirma Medeia, temido será sempre quem possui este saber, pois aquele que provocou este ódio não celebrará facilmente a bela vitória (Candido, 2001, p. 1).

Por não se tratar simplesmente de uma história da passionalidade exacerbada de uma mulher é que, com sua tragédia, Eurípidés propõe questionamentos sobre o perigo de se expor saberes específicos e a utilização de ervas a essas representantes femininas, uma vez que deter esses saberes aliados aos “encantamentos mágicos” significava obter influência e domínio. Há, dessa forma, um debate crítico na relação do conhecimento e da soberania que com ele se adquire.

Essas questões de poder perpassam obviamente as problematizações de gênero. Perpassam, ainda, as fundamentações de gênero no ensino de história e nas ciências humanas. De acordo com Colling e Tedeschi:

Falar em gênero em vez de falar em sexo indica que a condição das mulheres e dos homens não está determinada pela natureza, pela biologia ou pelo sexo, mas é resultante de uma invenção, de uma engenharia social e política. Ser homem/ mulher é uma construção simbólica que faz parte do regime de emergência dos discursos que configuram sujeitos. O gênero, diferença de sexos baseada na cultura e produzida pela história, é secundariamente ligado ao sexo biológico e não ditado pela natureza. [...] Pensar, discutir, escrever, falar sobre as relações de gênero junto

com o ensino da história é uma tarefa urgentíssima. Se entendermos que é necessário modificar a cultura em relação ao que pensamos sobre os papéis sociais dos homens e das mulheres, dois lugares de mudança de mentalidades são fundamentais: o lar, no qual meninos e meninas recebem as primeiras noções do que é ser homem/ser mulher e o papel que cabe a cada um(a) na sociedade; e a escola, onde as desigualdades de gênero são plantadas ou reafirmadas. Estabelecer uma hierarquia em grau de importância dessas instituições na solução desse problema é uma tarefa muito difícil, porque as duas estão intimamente ligadas e submersas na mesma cultura patriarcal (Colling; Tedeschi, 2015, p. 299-300).

O projeto de extensão sobre o estudo e a encenação da tragédia *Medeia* junto à escola permitiu não apenas pensar nas questões de gênero na sociedade antiga, como também a suscitar reflexões da própria forma patriarcal pela qual o ensino tradicionalmente vincula papéis e reflete sobre eles em sociedade. Possibilitou, por fim, analisar como os alunos são criados em casa e formados na escola para pensar sobre problematizações como essa, mesmo na contemporaneidade, de uma mulher que mata os próprios filhos.

O último minicurso, responsável por apresentar pela primeira vez aos alunos o tragediógrafo Eurípides e o mito de Medeia, teve como oficina a criação de um tribunal, dividindo a turma entre aqueles que se colocariam a favor e aqueles que se colocariam contra a personagem Medeia. Em diálogo com a sofística — apresentada em minicurso para suscitar o período histórico e filosófico com o qual podemos identificar o contexto de Eurípides — os estudantes deveriam criar discursos de defesa e acusação da “ré”, como em um julgamento real.

FIGURA 10 – Minicurso sobre *Medeia* e Eurípides



Fonte: Fotos e divulgação dos participantes do projeto.

FIGURA 11 – Atividade do “tribunal de Medeia”



Fonte: Fotos e divulgação dos participantes do projeto.

Dentre as questões levantadas, estava o questionamento se a “gravidade do crime” seria a mesma caso o assassino tivesse sido o pai e, portanto, Jasão. Em outras palavras, para a nossa sociedade patriarcal, o que seria de maior austeridade? Um infanticídio feito pelas mãos do homem/pai das crianças, ou pela figura materna e todo o simbolismo de proteção e cuidado que essa representante social carrega em nossa cultura? Questões diretamente relacionadas às figuras de gênero até mesmo na atualidade foram essenciais para que os alunos do ensino médio não apenas fomentassem o debate, como posteriormente levassem essas discussões aos seus professores como exercício pedagógico e, em última instância aos seus familiares.

O espetáculo

Medeia oferece uma oportunidade para entender não apenas a sociedade grega antiga, mas também questões atemporais relacionadas ao papel da mulher, tabus sociais e relações de gênero. Esta obra, ao retratar a história de uma mulher estrangeira e bárbara que mata seus próprios filhos, permite uma análise profunda das dinâmicas sociais e culturais da época, enquanto também lança luz sobre questões contemporâneas relacionadas ao feminino na sociedade.

Na antiguidade grega, as mulheres não possuíam direitos de cidadania e não detinham controle sobre suas próprias vidas. Eram vistas como propriedade dos homens, principalmente de seus pais e maridos, e suas principais responsabilidades eram limitadas ao cuidado do lar e da família. A figura da mulher estrangeira, como Medeia, era ainda mais marginalizada e vista como uma ameaça à ordem social estabelecida.

FIGURA 12 – Medeia e o coro de mulheres de Corinto



Fonte: Foto de Alex Machado.

Medeia, como uma estrangeira bárbara, desafia as normas sociais gregas ao se casar com Jasão e, posteriormente, ao cometer o terrível ato de matar seus próprios filhos. Sua história ilustra a tensão entre o papel tradicional da mulher como esposa e mãe e a realidade de ser uma estrangeira em uma sociedade hostil.

FIGURA 13 – Rei Creonte expulsando Medeia de Corinto



Fonte: Foto de Alex Machado.

FIGURA 14 – Jasão e Medeia



Fonte: Foto de Alex Machado.

FIGURA 15 – Jasão e as crianças



Fonte: Foto de Alex Machado.

No decorrer do espetáculo, que lotou, de professores e alunos do Colégio Unitrês Objetivo, de escolas públicas, e demais pessoas da cidade de Três Lagoas e região, um anfiteatro de 450 lugares, foi possível atestar ainda mais questões de gênero e o estranhamento do público com a forma natural com que o homem grego lidava com o papel social da mulher grega.

Durante a cena da Figura 16, a plateia, em sua grande maioria, riu com a fala de Jasão. Já arquitetando sua vingança, Medeia fingia à Jasão que estava resignada com suas escolhas por querer desposar a filha do rei Creonte e abandoná-la, pois assim seus filhos seriam aceitos pelos gregos, pois, afinal, eram crianças de uma mulher bárbara, mas seriam agregados a uma família real grega.

FIGURA 16 – Jasão orgulhoso de Medeia



Fonte: Foto de Alex Machado.

Com a posição de Medeia, Jasão dizia que era comum que as mulheres ficassem aborrecidas quando seus maridos se aninhavam com outras mulheres, mas que estava orgulhoso de sua decisão, afinal era exatamente assim que “agiria uma mulher grega”. A risada do público denota claramente as diferenças culturais e de gênero na comparação entre o papel destino às mulheres na antiguidade grega e a realidade da plateia contemporânea.

Nesse sentido, o espetáculo serviu também como um instrumento pedagógico para a reflexão sócio-histórica e cultural dos espectadores, fossem eles de escolas ou não. Possibilitou um exercício crítico que acabou levantando questionamentos sobre o papel da mulher na nossa própria sociedade e época. Qual o lugar social destinamos a pensar as mulheres que se veem cotidianamente abandonadas, sem referências, sem lar, sem recursos, expulsas de seus locais de morada, lidando com a traição e o dever de cuidar de suas crianças?

FIGURA 17 – Medeia se despedindo de seus filhos



Fonte: Foto de Alex Machado.

FIGURA 18 – Medeia matando os filhos



Fonte: Foto de Alex Machado.

FIGURA 19 – A finalização da vingança de Medeia



Fonte: Foto de Alex Machado.

O infanticídio cometido por Medeia desafia não apenas as normas sociais da sociedade grega, mas também os tabus universais em torno da maternidade. Na tragédia, Eurípides não retrata Medeia como uma simples vilã, mas como uma mulher complexa e atormentada que comete um ato terrível como resultado de sua desesperança e desespero.

Esse tabu social é uma lente através da qual é possível examinar as pressões e expectativas impostas às mulheres na sociedade, especialmente no que diz respeito à maternidade. Ele nos obriga a questionar as narrativas simplistas que retratam as mães como inerentemente amorosas e sacrificiais, enquanto também reconhecemos os desafios reais enfrentados por muitas mulheres em situações de desespero e opressão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As questões levantadas por *Medeia* não são apenas relevantes para a sociedade grega antiga, mas também ressoam profundamente na sociedade contemporânea. A marginalização das mulheres, a violência de gênero e os tabus em torno da maternidade ainda persistem em muitas partes do mundo, apesar dos avanços sociais e legais.

Ao explorar essas questões através da lente dessa tragédia grega, os alunos e o público

em geral são incentivados a refletir não apenas sobre a cultura e a sociedade antigas, mas também sobre suas próprias crenças e valores em relação ao papel das mulheres na sociedade. Eles são desafiados a considerar como as normas sociais e culturais moldam nossas percepções do feminino e como essas percepções impactam a vida das mulheres em todo o mundo.

De forma geral, o projeto não apenas abriu possibilidades para propostas futuras de ações universitárias como essa, na contínua busca de enriquecimento no ensino e na cultura das escolas da cidade, como permitiu construir uma reflexão sobre uma personagem polêmica da literatura universal. A tragédia *Medeia*, de Eurípides, é um misto de magia, terror e reflexão social; uma obra que nos retira da comodidade, e nos faz pensar nas dores emocionais das mulheres de forma intensa e visceral.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Igor Mateus; RENATO, Paulo; ZANATTA, Shalimar Calegari; LORO, Alexandre Paulo. O uso de metodologias ativas e tradicionais para transmissão e produção de conhecimento: um relato de experiência. **Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas**, v. 21, n. 4, p. 376-383, 2020. DOI: <https://doi.org/10.17921/2447-8733.2020v21n4p376-383>

CANDIDO, Maria Regina. O saber mágico de Medeia. **Revista Mirabilia – Revista Eletrônica de História Antiga e Medieval**. 2001. Disponível em: https://www.revistamirabilia.com/sites/default/files/pdfs/2001_03.pdf. Acesso em: 24 jul. 2023.

CAVASSIN, Juliana. Perspectivas para o teatro na educação como conhecimento e prática pedagógica. **Revista Científica/FAP**, Curitiba, v. 3, p. 39-52, jan./dez. 2008. DOI: <https://doi.org/10.33871/19805071.2008.3.1.1624>

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio. O ensino da história e os estudos de gênero na historiografia brasileira. **História e Perspectivas**, Uberlândia, n. 53, p. 295-314, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/historiaperspectivas/article/view/32777>. Acesso em: 25 jul. 2023.

COMINETI, Ariane. **Estudantes exploram a História Antiga por meio do teatro grego**. Site da UFMS. Disponível em: <https://www.ufms.br/estudantes-exploram-a-historia-antiga-por-meio-do-teatro-grego/>. Acesso em: 24 jul. 2023.

EURÍPIDES. **Medéia; hipólito; as troianas**. 6. ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003.

FONSECA, Selva Guimarães. A incorporação de diferentes fontes e linguagens no ensino de história. *In: Didática e prática de ensino de história: experiências, reflexões e aprendizados*. Campinas: Papirus, 2003.

SILVA, Francisco da. Magia: a religião do “outro”. *Veredas da História*, ano III, 2. ed., 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/rvh/article/view/48873/26538>. Acesso em: 05 ago. 2023.

SOBRE A AUTORA

Dolores Puga

Doutora em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHC/UF RJ), na linha Poder e Discurso. Professora Associada do curso de História da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Câmpus de Três Lagoas (UFMS/CPTL). Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul do mesmo Campus (UFMS/CPTL). Líder do Grupo de Pesquisa "Usos e Desusos das Linguagens Artísticas" e vice-líder do Grupo "História Antiga e Usos do Passado: novas perspectivas entre o passado e o presente".

E-mail: dolores.puga@ufms.br